

# FOLKCOMUNICAÇÃO POLÍTICA NA LITERATURA FOLCLÓRICA BRASILEIRA<sup>1</sup>

Roberto Benjamin<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo faz uma retrospectiva histórica de importantes referências temáticas da folkcomunicação política na literatura brasileira. Antecipando-se à formulação da teoria, e servindo de referência para a sua sustentação, encontram-se na literatura folclórica registros e análises sobre a temática política das manifestações populares de natureza comunicacional. Assim, o texto indica alguns dos escritores, autores e obras que marcaram a literatura folclórica no Brasil. Por fim, o autor observa ainda que a comunicação política não se restringe ao repertório brasileiro, destacando rapidamente algumas situações em o tema é abordado na América Latina.

**Palavras chave:** Folkcomunicação política. Literatura folclórica brasileira. Folkcomunicação literária.

Ao formular a teoria da Folkcomunicação, em sua tese de doutoramento, em 1967, na Universidade de Brasília, Luiz Beltrão tratou da Folkcomunicação política ao longo da sua análise sobre os veículos da comunicação popular sem, contudo, chegar a uma formulação de natureza conceitual. Baseou-se, especialmente, na obra de Renato Carneiro Campos (*Ideologia dos poetas populares do Nordeste*) sobre os folhetos populares e em artigos do jornalista Clóvis Melo, publicados no jornal *Folha da Manhã*, da cidade do Recife. Referindo-se aos livros-de-sortes diz:

”Ao contrário dos almanaques, os livros de sortes tratam, claramente, de assuntos políticos, registrando os fatos e criticando-os, chegando mesmo a tomar partido. (...) Quando a ocorrência política é de tal monta que sacode a opinião pública, o livro de sorte dela se ocupa largamente, dedicando-lhe, por assim dizer, toda a edição”.

Antecipando-se à formulação da teoria, e servindo de referência para a sua sustentação, encontram-se na literatura folclórica registros e análises sobre a temática política das manifestações populares de natureza comunicacional.

Recuando no tempo é possível considerar na obra de jornalismo crítico do Padre Lopes Gama, conhecido como “O Carapuceiro”, o uso da coleta de elementos esparsos de diversas manifestações populares que serviram para fustigar os desafetos.

A constituição de um repertório de textos da Folkcomunicação política tem início com as coletas de Sílvio Romero, que foram publicadas em suas obras “Contos populares” e “Cantos populares”, seguindo-se Pereira da Costa (em Pernambuco), Veiga Cabral (na Bahia) e numerosos outros folcloristas e estudiosos da literatura popular, valendo lembrar a série

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em palestra proferida durante a *VIIª Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, realizada no Centro Universitário Univates (Lajeado-RS), entre os dias 13 a 16 de maio de 2004.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Presidente da Comissão Nacional de Folclore.

“Contos populares do Brasil”, coordenada por Braulio do Nascimento e o “Cancioneiro da Paraíba”, de Idelette Muzart Fonseca dos Santos e Maria de Fátima Batista.

Dois extraordinários poetas de cordel da Bahia, com intensa e diferenciada incursão sobre os temas políticos, aparecem nas obras de Edilene Matos – que trata de Cuíca de Santo Amaro – e Mark Curran – que trata do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante. Gilmar de Carvalho organizou uma coletânea do poeta Patativa do Assaré, o qual teve a sua obra grandemente difundida pelos movimentos de esquerda durante o regime militar, inclusive alcançando a comunicação de massa pelas vozes, dentre outros, de Luiz Gonzaga, Elba Ramalho e Raimundo Fagner.

O poeta e cantador Ivanildo Vilanova teve um dos seus textos da oralidade, produzido em uma cantoria – o que trata da separação do Nordeste do restante do Brasil – transformado em verdadeiro hino da identidade nordestina ao ser incluído nos espetáculos e discos de Elba Ramalho.

Nas análises de natureza reflexiva sobre esta temática destaca-se, especialmente, a obra de Edison Carneiro:

“(…) Os processos são essencialmente políticos, já que envolvem uma concepção particular da sociedade no seu conjunto e, em conseqüência, uma ação. O Folclore, com efeito, se nutre dos desejos de bem-estar econômico, social e político do povo e por isso mesmo constitui uma reivindicação social, embora de forma rudimentar”.<sup>3</sup>  
(…) “Se o povo utiliza formas antigas para se exprimir, não o faz apenas porque essas formas tenham tido importância no passado, mas porque têm importância para o seu futuro”. (….) “Podemos dizer que através do Folclore o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica e nela encontra a sua tribuna”.<sup>4</sup>

Na mesma direção, mais recentemente, aparece a obra de Paulo de Carvalho-Neto (*O folclore das lutas sociais*), além da anteriormente mencionada obra de Renato Carneiro Campos, esta ainda que limitada à literatura de cordel produzida na zona-da-mata de Pernambuco. A pesquisadora Ruth Brito Lemos Terra (*Memória de lutas*) levantou, também na literatura de cordel, um repertório abrangendo o cangaço (crônica e imaginário), as salvas no Norte (na primeira República, levantes populares contra oligarquias locais), a sedição do Juazeiro (sedição liderada pelo político cearense Floro Bartolomeu, com o apoio do Padre Cícero Romão Batista):

Agora caros leitores  
prestai-me toda atenção  
do governo os horrores  
devastam todo o sertão.<sup>5</sup>

Vicente Salles, no seu estudo sobre a literatura de cordel na Amazônia (*Repente e cordel*), registra folhetos referentes à política internacional, relativos às grandes guerras. Outros pesquisadores também localizaram poemas com esta temática:

Disse a Rússia não consinto  
a Sérvia ser esmagada  
pelo orgulho da Áustria

<sup>3</sup> Edison Carneiro. *Dinâmica do Folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. / Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 22.

<sup>4</sup> Id.ib. p. 23

<sup>5</sup> Estrofe 41 do folheto **A manifestação do Padre Cícero na matriz do Juazeiro**. In: Ruth Brito Lemos Terra. **Memória de lutas: a literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983. 190p. il. p. 125.

que está mal informada  
quem ofender a Sérvia  
comigo está ocupada

(...)

Foi dão Guilherme a Turquia  
lá convidou o sultão  
para entrar nesta guerra  
sem ter parte na questão  
o convite foi aceito  
pelo monarca pagão.

(estrofes 32 e 39 do folheto *A besta de 7 cabeças*, de João Melchiades Ferreira da Silva, apud Terra, Ruth, op. cit., p. 133-134).

Mais recentemente, Jerusa Pires Ferreira, Idelette Muzart Santos, Candance Slatter e Maria Alice Amorim documentaram e analisaram folhetos populares relativos aos atos terroristas de 11 de setembro em Nova York. Escreveu o poeta Olegário Fernandes da Silva:

No dia 11 de setembro  
um dia de terça-feira  
do ano dois mil e um  
a tragédia traiçoeira  
atacou os Estados Unidos  
foi a maior bagaceira.

(...)

Porém o americano  
forte, rico e potentado  
e a metade do mundo  
por ele é dominado  
está colhendo no presente  
o que plantou no passado

Mas, é na obra *“Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo”* que José Calazans Brandão da Silva, Maria Antonieta Campos Tourinho e Júlio Santana Braga colocam, de uma forma mais explícita, a temática da Folkcomunicação política.

“Os folcloristas registraram, no romanceiro de todos os povos, apreciável número de composições relativas a acontecimentos políticos. No quadro do folclore rimado, estas produções podem constar de capítulo próprio com o título de “romanceiro político” ou “cancioneiro popular político”. (op.cit. p. 42)

E acrescentam que os frutos desta produção ainda não foram estudados devidamente, pelo menos em nosso país, para propor algumas características que seriam típicas do romanceiro político, como, por exemplo, que não há originalidade musical nas cantigas políticas (exemplificando com a coleta sobre a Guerra dos Farrapos, de Augusto Meyer, em *Cancioneiro gaúcho*). Destacam ainda a diversidade de posições dos poetas populares em relação às circunstâncias políticas. *“Cada aedo, tendo em vista a sua posição na conjuntura política, elogia ou decompõe, defende ou ataca. A cantiga é a arma afiada de combate. Serve para exaltar, incentivar, animar partidários e ridicularizar, menosprezar, injuriar, desmoralizar adversários”* (p. 42). E abonam as suas afirmações com a sua própria coleta referente ao folclore da independência na Bahia, como o poema “Pelo sinal, do Padre Roma” que relata a prisão e morte do Padre José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido como Padre Roma, líder da Revolução Pernambucana de 1817, ao desembarcar no porto da Barra, em Salvador.

“Na barra foi que se viu  
a jangada bordejando  
como se tivesse esperando  
pelo sinal.

Foi o Simplício fiscal  
em ir ao padre prender  
vindo cavaleiro ser  
de Santa Cruz” (p. 44)

Posteriormente, José Calazans realizou extensa coleta relativa ao episódio de Canudos, na qual se evidenciam as divergências de posição dos poetas populares em razão dos seus comprometimentos com os grupos em luta, sendo bastante diferenciada a poesia praticada pelos moradores da região daquela, de cordel, produzida por soldados que estavam a serviço do Exército Nacional, embora fossem pertencentes à tradição da poesia nordestina.

Nosso Antônio Conselheiro  
no “reconco” da Bahia  
brigou três anos  
Ó sindô-la-la  
A favor da monarquia.<sup>6</sup>

Diversos autores verificaram, porém, a existência de um grande número de textos que circularam tanto na oralidade como na forma impressa, que foram produzidos de encomenda para os detentores do poder político e econômico, com vistas ao seu uso na propaganda político-partidária, na propaganda institucional e na publicidade, como podem ser observados nos trabalhos de Alda Siqueira Campos (*Literatura de cordel e difusão de inovações*), Gilmar de Carvalho (*Publicidade em cordel: o mote do consumo*) e Joseph Luyten (*A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade*).

Um exemplo extraordinário da introspecção da ideologia das classes dominantes nas manifestações populares, anteriormente estudadas em relação ao cordel por Fausto Neto (*Cordel e a ideologia da punição*), é o caso do folguedo cuja variante alagoana é chamada de quilombo e a variante sergipana de lambe-sujo/caboclinho, que retrata a destruição do Quilombo dos Palmares e a sujeição dos quilombolas à escravidão, documentada por Theo Brandão (*Folguedos natalinos de Alagoas*) para a variante Alagoana e por Felte Bezerra (*Etnias sergipanas*) e Paulo de Carvalho-Neto (*Folclore sergipano*) para a variante sergipana. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo diz que o auto

“baseia-se nos episódios de destruição de quilombos, feita pelos capitães-do-mato, muitos deles portadores de sangue indígena, que chefiavam seus guerreiros mamelucos.  
(...)  
Samba nego  
branco não vem cá;  
Se vinhé  
torna a vortá”<sup>7</sup>

ou de acordo com a variante registrada por Carvalho-Neto (op. cit. p. 91):

“Samba nego  
branco não vem cá;

<sup>6</sup> CALASANS, José. **No tempo de Antônio Conselheiro**. Salvador: Livraria Progresso, s.d. p. 65.

<sup>7</sup> CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962, 795p. p. 415.

Se vier  
pau vai levar”

A comunicação política, evidentemente, não se restringe ao repertório brasileiro. Há coletas e análises relativas a este tema referentes a diversos países, especialmente da América Latina, tal como a coleta “Batallas de la revolución y sus corridos”, do mexicano Daniel Moreno<sup>8</sup>

¡Pobre Pancho Villa...!  
fue muy triste su destino;  
morir en una emboscada  
y a la mitad del camino

Iba dejando Parral  
manejando su carcacha,  
el valiente general  
autor de La Cucaracha.

“La cucaracha, la cucaracha  
ya no puede caminar,  
porque no tiene, porque le falta  
marihuana que fumar...”

(...)

¡Ay, Mexico está de luto,  
tiene una gran pesafilla,  
pues mataran en Parral  
al valiente Pancho Villa!...

## REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Doralice Fernandes. Xavier & Albán, Maria del Rosário Suarez de (coordenadoras). **Contos populares brasileiros – Bahia**. Recife, FUNDAJ. Massangana, 2001, 426p. il.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 266p. (Coleção Comunicação, 12).
- BENJAMIN, Roberto (coordenador). **Contos populares brasileiros - Pernambuco** (coordenador). Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana. 1994. 376p. il.
- BEZERRA, Felte. **Etnias sergipanas. Contribuição ao seu estudo**. Aracaju: Livraria Regina, 1950, 269 p.
- BRANDÃO, Theo. **Folgedos natalinos de Alagoas**. Maceió: Departamento de Cultura, 1961. 209p. il.
- CALASANS, José (et al.). **Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo**. Rio de Janeiro: CDFB, 1972, 151p.
- CALASANS, José. **No tempo de Antônio Conselheiro**. Salvador: Livraria Progresso, s.d. p. 65.

---

<sup>8</sup> MORENO, Daniel. **Batallas de la revolución y sus corridos**, 2.ed. México: Editorial Porrúa, 1985, 159 p. p. 160-161

- CAMPOS, Alda Maria Siqueira. **Literatura de cordel e difusão de inovações**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco -/- Editora Massangana, 1998, 160p. il.
- CAMPOS, Renato Carneiro. 1930-1978. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, FUNARTE, 1977. 76p. il. (Estudos e pesquisas, 5).
- CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. / Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 22.
- CARVALHO, Gilmar de (org.). **Patativa do Assaré – antologia poética**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001, 324p.
- CARVALHO, Gilmar de. **Publicidade em cordel: o mote do consumo**. São Paulo: Maltese, 1994, 208 p.
- CARVALHO-NETO, Paulo de. **El folklore de las luchas sociales**. México: Editorial Siglo XXI, 1973. Traduzido ao português: **O folclore das lutas sociais**. Rio de Janeiro: Ed Salamandra.
- \_\_\_\_\_. **Folclore sergipano**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994, 158p.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962, 795p. p. 415.
- CURRAN, Mark J. A política na literatura de cordel: a visão de Rodolfo Coelho Cavalcante. In **Rockey Mountain Council of Latin American Studies**. Tucson, 1984
- FAUSTO NETO, Antônio. **Cordel e a ideologia da punição**. Petrópolis: Vozes, 1979. 164p.
- GAMA, Miguel (Frei) do Sacramento Lopes. **Carapuceiro (O) (1832-1842)** - edição autônoma (facsimilar). Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. 3 v. (Coleção Recife, v. 27).
- LIMA, Francisco Assis de Souza (coordenador). **Contos populares brasileiros – Ceará**. Recife: FUNDAJ- Massangana, 2003, 400p. il.
- LUYTEN, Joseph Maria. **A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade**. São Paulo: USP, 1980. 250p. [dissertação ao Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes].
- MATOS, Edilene. **Ele, o tal... Cuíca de Santo Amaro**, 2. ed. Salvador: Secretaria de Cultura e Trabalho, 1998, 208p. il.
- MEYER, Augusto. **Cancioneiro gaúcho**. Porto Alegre: Globo, 1952, 238p.
- MORENO, Daniel. **Batallas de la revolución y sus corridos**, 2.ed. México: Editorial Porrúa, 1985, 159 p.
- ROMERO, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. 3. ed. Belo horizonte: Itatiaia, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Contos populares do Brasil**. 3. ed. Belo horizonte: Itatiaia, 1985.
- SALLES, Vicente. **Repente e cordel. Literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos & Batista, Maria de Fátima de Mesquita. **Cancioneiro da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1993. 382 p.
- SILVA, Olegário Fernandes da. **O atentado terrorista e o nosso sofrimento**. Caruaru: o autor, 2001, 8p.
- TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: a literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983. 190p. il.
- TRIGUEIRO, Osvaldo Meira & PIMENTEL, Altamar de Alencar (coordenadores). **Contos populares brasileiros – Paraíba**. Recife: FUNDAJ-Massangana, 1996. 350p. il.